REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

MISOGINIA, EXPOSIÇÃO ÍNTIMA E DISCURSOS DE ÓDIO: VIOLÊNCIA DIGITAL CONTRA MULHERES DA GUINÉ-BISSAU NO TIKTOK (2025-2026)

MISOGYNY, INTIMATE EXPOSURE, AND HATE SPEECH: DIGITAL VIOLENCE AGAINST WOMEN FROM GUINEA-BISSAU ON TIKTOK (2025-2026)

Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas • 11/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794369009

Libania Vieira Cá[1]

Luciene de Oliveira Dias[2]

RESUMO

A expansão das plataformas digitais modificou as formas de comunicação, participação social e exposição pública, criando também novos espaços para manifestações de violência baseadas em gênero. O TikTok destaca-se como uma plataforma de ampla circulação de vídeos e discursos, podendo funcionar tanto como espaço de expressão e mobilização quanto como ambiente de reprodução de práticas de violência contra mulheres. Este artigo apresenta uma análise das formas de violência digital praticadas contra mulheres da Guiné-Bissau na rede social TikTok, entre os anos de 2025 e 2026, com ênfase na misoginia, exposição não consensual de conteúdos íntimos e discurso de ódio. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, articulando pesquisa bibliográfica, documental e análise de conteúdo de publicações públicas da plataforma. Parte-se da compreensão de que a violência digital não constitui fenômeno isolado do contexto social, mas pode reproduzir e ampliar desigualdades e formas de controle historicamente dirigidas às mulheres e meninas da Guiné-Bissau. O estudo busca contribuir para melhor compreensão das especificidades da violência de gênero no ambiente digital guineense e para o debate sobre cidadania, segurança digital e participação das mulheres nas redes sociais.

Palavras-chave: Tik Tok; Guiné-Bissau; Misoginia; Violência digital; Discurso de Ódio.

ABSTRACT

The expansion of digital platforms has altered the ways in which people communicate, participate socially, and present themselves in the public sphere, while also creating new spaces for gender-based violence. TikTok, as a platform for the widespread circulation of

videos and discourse, can serve both as a space for expression and mobilization and as an environment where acts of violence against women are reproduced. This article analyzes forms of digital violence directed at women from Guinea-Bissau on the social media platform TikTok between 2025 and 2026, with a focus on misogyny, the non-consensual sharing of intimate content, and hate speech. The research employs a qualitative, exploratory, and descriptive approach, combining a literature review, an examination of documents, and a content analysis of public posts on the platform. It is based on the understanding that digital violence is not an isolated phenomenon; rather, it can reproduce and amplify existing inequalities and forms of control that have historically targeted women and girls in Guinea-Bissau. This study aims to contribute to a better understanding of the specific nature of gender-based violence within the digital landscape of Guinea-Bissau, while also informing the broader debate on citizenship, digital security, and women's participation on social media.
Keywords: Tik Tok; Guinea-Bissau; Misogyny; Digital violence; Hate speech.

INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais transformaram profundamente as formas de interação social e a vida humana na esfera pública, tendo as redes sociais como meio que passaram a ocupar lugar significativo na vida cotidiana, possibilitando o compartilhamento de conteúdo em grande velocidade. Entretanto, ao mesmo tempo em que ampliam possibilidades de expressão e participação em massa também podem ser utilizados para práticas de violência, perseguição, humilhação, exposição e silenciamento. A violência contra mulheres da Guiné-Bissau no ambiente digital pode ser compreendida em

relação às desigualdades de gênero existentes na sociedade guineense onde o homem é colocado como superior em relação à mulher.

Para compreender as formas contemporâneas de violência contra as mulheres na Guiné-Bissau, é necessário considerar o percurso histórico da participação feminina durante a luta pela libertação nacional, que tem seu marco inicial histórico em 23 de janeiro de 1963 e que foi liderada pelo Partido Africano pela independência da Guiné e de Cabo Verde. Sob a liderança de Amílcar Lopes Cabral, esta luta foi travada contra o governo português no período colonial.

Durante a luta de libertação nacional, as mulheres tiveram participação ativa no processo de transformação social, atuando em diferentes atividades e também em programas educativos como professoras e formadoras. Entretanto, essa participação ocorreu dentro de determinados limites, uma vez que muitas das funções atribuídas às mulheres permaneciam relacionadas a espaços considerados tradicionalmente femininos, como educação, saúde, transporte e preparação de alimentos (Gomes, 2015, p. 174). Essa perspectiva histórica permite compreender que as relações de gênero não são naturais, mas construídas socialmente e culturalmente.

Nesse sentido, Louro (2018) argumenta que gênero é produzido nas relações sociais e está relacionado às formas pelas quais as sociedades estabelecem diferenças, expectativas e relações de poder entre homens e mulheres. Assim, as experiências das mulheres guineenses são atravessadas por diferentes processos de luta pela conquista de espaços de visibilidade e participação social na Guiné colonial.

No período da luta pela libertação nacional, algumas mulheres conseguiram ingressar nas Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP). Entre estas mulheres estiveram Carmem Pereira, Francisca Pereira, Teodora Inácia Gomes e Titina Silá. A participação dessas mulheres evidencia que a presença feminina esteve relacionada não apenas à luta pela independência, mas também a disputa por reconhecimento e participação em espaços tradicionalmente associados aos homens.

No contexto contemporâneo, essas relações também podem se manifestar nos espaços digitais. Com a popularização das redes sociais criaram-se novas possibilidades de visibilidade e participação para as mulheres, mas também foram ampliados os espaços de exposição, julgamento, constrangimento e violência. No TikTok, particularmente, vídeos, comentários e conteúdos produzidos pelos próprios usuários podem alcançar rapidamente grandes públicos, possibilitando que discursos de ódio e práticas de humilhação sejam produzidos, reproduzidos e compartilhados. Entre essas práticas estão a publicação e circulação de conteúdos íntimos sem consentimento, comentários de caráter misógino, ataques relacionados à aparência, à roupa e ao comportamento das mulheres, além de desqualificação pública. Tais práticas podem produzir consequências que ultrapassam o ambiente virtual, atingindo a dignidade, a privacidade, a liberdade de expressão e a participação social das mulheres.

A violência digital, portanto, não deve ser compreendida como um problema estritamente tecnológico. Ela está fundada nas relações sociais e nas estruturas de poder, que também se manifestam fora dos ambientes digitais. É a partir desse cenário que surge a inquietação que orienta a presente pesquisa: o contacto com a

crescente circulação de ataques direcionados às mulheres da Guiné-Bissau no TikTok provocou questionamentos sobre as formas pelas quais a violência de gênero se manifesta no ambiente digital e sobre as condições de reconhecimento e respeito à dignidade dessas mulheres e meninas.

Essa reflexão pode ser aproximada do pensamento de Ailton Krenak (2019), que questiona uma concepção universal e homogênea de humanidade e chama a atenção para as formas pelas quais determinados sujeitos e modos de existência são colocados à margem. A Partir dessa perspectiva, pensar em violência digital contra mulheres guineenses significa também questionar quais sujeitos têm sua dignidade reconhecida e quais são submetidos a processos de desvalorização, exposição e silenciamento.

Assim, a discussão sobre violência digital também envolve uma reflexão sobre reconhecimento, dignidade e direitos no espaço público contemporâneo. É nesse cenário que se insere esta pesquisa, cujo objetivo é analisar as formas de violências digital contra mulheres da Guiné-Bissau no TikTok, com ênfase nas manifestações de misoginia, na exposição não consensual de conteúdos íntimos e nos discursos de ódio. A questão que orienta a pesquisa é: de que forma o TikTok tem sido utilizado para reproduzir ou ampliar práticas de violência digital contra mulheres da Guiné-Bissau, especialmente por meio da misoginia, da exposição íntima e dos discursos de ódio, no período de 2025-2026?.

METODOLOGIA

A pesquisa possui abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, a escolha justifica-se pela necessidade de entender os

significados presentes na rede TikTok como meio pelo qual as manifestações de violência têm se intensificado nos anos 2025-2026 e não apenas quantificar suas ocorrências. Quanto aos procedimentos, o estudo articula pesquisa bibliográfica, a partir de livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos relacionados aos conceitos de gênero, corpo, sexualidade, violência, misoginia digital e cidadania. Entre as principais referências utilizadas estão Gomes (2015), Louro (2018), Moreira (2017), Teixeira (2025), Covre (1991) e Krenak (2019). O corpo empírico é constituído por publicações públicas do TikTok relacionadas às mulheres da Guiné-Bissau entre os anos de 2025 e 2026.

A postagem que originou os comentários aqui trabalhados foi selecionada em função de uma das autoras do presente artigo ser bissau-guineense e estar desenvolvendo, neste momento, a escrita do recorte de sua pesquisa de final de curso. A opção por preservar as mulheres envolvidas na postagem também acompanha a rasura nos nomes das pessoas que fizeram os comentários analisados. Metodologicamente, para seleção dos comentários, foram considerados os seguintes critérios:

a. Comentários públicos disponíveis na plataforma;

b. Presença de manifestações relacionadas a misoginia, sexismo, exposição íntima ou discurso de ódio;

c. Relevância de conteúdo para a questão de pesquisa.

A análise de conteúdo ajuda a acionar a linguagem verbal e também elementos visuais e contextuais presentes nas publicações. Por questões éticas, não são reproduzidas imagens íntimas ou conteúdos que possam contribuir para ampliar a exposição das

vítimas. Também os comentários de usuários comuns são anonimizados.

DESENVOLVIMENTO

As relações de gênero são construídas social e culturalmente e estão diretamente relacionadas às formas como os corpos, os comportamentos e as identidades são percebidos, classificados e significados em diferentes sociedades. Pensar a violência contra mulheres exige compreender, inicialmente, como as diferenças entre homens e mulheres são produzidas e significadas socialmente. Provocar reflexões nesta seara a partir das complexificações de gênero permite deslocar a compreensão dessas diferenças de uma perspectiva exclusivamente biológica para uma abordagem que considera os processos históricos, culturais e sociais envolvidos na construção das identidades, dos papéis e das expectativas atribuídas ao corpo feminino. Partindo desse pensamento, o gênero não corresponde simplesmente às diferenças corporais, mas envolve normas e valores que orientam a maneira como os sujeitos são percebidos. Isso porque, a depender do contexto social, determinados comportamentos e identidades podem ser valorizados, enquanto outros são desqualificados e colocados em posições de inferioridade.

Essa discussão ganha outra dimensão quando relacionada ao corpo. De acordo com Guacira Lopes Louro (2018, p. 14), “os corpos são significados pela cultura e são continuamente, por ela, alterados”. Tal afirmação permite compreender que os sentidos atribuídos aos corpos não são naturais ou fixos, mas construídos de acordo com valores, normas e relações sociais existentes em cada contexto cultural. Nesse sentido, a construção do “Outro” também permite

compreender como determinadas identidades são socialmente classificadas e colocadas em posições de desigualdade. A autora destaca ainda que o reconhecimento do “Outro” ocorre a partir do seu lugar social, evidenciando que as sociedades estabelecem fronteiras entre quem corresponde às normas e quem se posiciona fora delas, produzindo processos de diferenciação e hierarquização.

Paralelamente a este debate, Luciene de Oliveira Dias e Ralyanara Moreira Freire (2020) ajudam a pensar as existências de mulheres a partir das complexidades cultural, social e epistemológica constituintes das relações de gênero e das construções cisheteronormativas. Uma mulher tem, nestes termos, uma probabilidade muito maior de terem seus corpos expostos no mundo da virtualidade exatamente porque são corpos contra-hegemônicos que ainda carecem de afirmações e identificações específicas. Para estas autoras, a misoginia é a aversão às mulheres que fortalece os discursos de ódio e outras violências sustentadas por pertencimentos de gênero.

Essa perspectiva é particularmente importante para compreender a condição das mulheres da Guiné-Bissau, uma vez que as experiências femininas são atravessadas por valores socioculturais do país. Como mostra Patrícia Godinho Gomes (2015, p. 175), os estudos sobre as mulheres guineenses devem partir das especificidades históricas para poder entender os papéis impostos às mulheres guineenses. Joacine Katar Moreira (2017) também contribui para a discussão ao destacar que a construção das masculinidades e feminilidades na Guiné-Bissau está relacionada a contextos históricos, sociais e políticos particulares. Da mesma forma que símbolos, práticas e rituais participam da definição das identidades dos indivíduos, esses mesmos processos podem

produzir distinções e hierarquizações entre homens e mulheres. Tudo sustentado por masculinidades e patriarcalismo, limitando a autonomia e a liberdade dessas mulheres.

O patriarcado, ao atravessar diferentes dimensões da vida social, contribui para a manutenção e naturalização de violência contra mulheres. Dessa forma, não se limita a uma ideologia de dominação masculina, mas envolve também mecanismos de controle presentes nas estruturas de poder e nas relações de produção, influenciando as possibilidades de acesso das mulheres a diferentes espaços de poder e participação social (Dias; Freire, 2020). Essa linha de pensamento é fundamental para a presente pesquisa porque permite compreender que as manifestações de misoginia direcionadas às mulheres guineenses no TikTok não devem ser analisadas apenas como comportamento individual ou comentários isolados. Estes ataques expressam relação de poder e normas sociais historicamente construídas em torno do comportamento feminino.

Assim é que a esfera digital pode funcionar como espaço de participação, expressão e visibilidade, simultaneamente como campo de disputa, no qual determinadas formas de controle, julgamento, humilhação e silenciamento são reproduzidas e ganham alcance do público. A violência digital contra mulheres da Guiné-Bissau exige não apenas considerar o funcionamento das plataformas digitais, mas também as relações que atravessam essas práticas, como acima referido. A misoginia manifesta nas redes sociais a continuidade de desigualdade de gênero presente na sociedade e na cultura guineense onde a aparência e formas de estar torna-se objetos de julgamentos e controle.

A compreensão da misoginia é fundamental para analisar as diferentes formas de violência direcionadas às mulheres no ambiente digital. Embora frequentemente apareça sob forma de insulto ou ataques individuais, a misoginia não se limita a manifestações isoladas de hostilidade, mas ela está relacionada a relações históricas de desigualdade entre homens e mulheres e pode se expressar por práticas de desvalorização, inferiorização e desumanização. Graziela de Souza Teixeira (2025), ao investigar a circulação de conteúdos multimodais no que ela chama de "machosfera brasileira", define a misoginia como manifestação de repulsa, ódio e aversão às mulheres.

A autora chama a atenção para presença dessas manifestações em diferentes plataformas digitais e para sua articulação com discursos que sustentam uma suposta superioridade masculina. Há, então, um reforço na violência de gênero nas comunidades digitais, em que determinadas concepções sobre masculinidade e feminilidade são compartilhadas, passando a impressão de que a violência digital é desvinculada das estruturas sociais. Ao contrário desta impressão, as plataformas digitais podem construir espaços nos quais desigualdades já existentes são reproduzidas. Nesse contexto, o sexismo é compreendido como um conjunto de ideais e representações que estabelecem diferenças hierárquicas, sendo que nas redes sociais assume formas explícitas, como insultos, declaração de inferioridade, piadas, comentários depreciativos, sexualização, ridicularização e discursos moralizantes.

Essa dimensão é importante para a análise do TikTok porque a violência pode não está presente nos conteúdos produzidos com a intenção explícita de atacar uma mulher, mas também em comentários e interações que acompanham os vídeos ou áudios

vazados. Outro elemento importante é a própria estrutura de funcionamento das plataformas. Aqui, o discurso de ódio virtual apresenta características que o diferenciam das manifestações presenciais porque manipula o anonimato, o alcance, a permanência, a itinerância, a invisibilidade entre agressor e alvo, o senso de comunidade e a instantaneidade das interações. Há uma explícita ruptura com o contexto original em que foi produzida devido à própria lógica da circulação de vídeos e comentários compartilhados. De acordo com Graziela de Souza Teixeira (2025, p. 7), o algoritmo facilita esse processo de exposição, promovendo engajamento e ampliando o lucro para plataforma.

Essas práticas fazem parte de uma violência cotidiana estrutural que ultrapassa as telas e afeta diretamente a vida cotidiana das mulheres. As próprias dinâmicas de plataformas contribuem para dar maior alcance a conteúdos que provocam reações, transformando ataques e discursos misóginos em materiais capazes de circular rapidamente e alcançar novos públicos só por causa do lucro.

No contexto das mulheres da Guiné-Bissau, as manifestações de misoginia e sexismo observadas na plataforma TikTok podem ser compreendidas como expressões de relações de gênero que também atravessam a experiência da cidadania. Embora as mulheres possuam direitos formalmente reconhecidos, o exercício desses direitos está condicionado por normas sociais e culturais que estabelecem expectativas diferenciadas para o que significa ser homem ou ser mulher na sociedade guineense.

Nesse sentido, Maria de Lourdes Manzini Covre (1991) defende que cidadania não se restringe ao reconhecimento formal de direitos,

mas envolve também possibilidades de participação ativa dos sujeitos na sociedade e o exercício efetivo de suas liberdades. As desigualdades são construídas e reproduzidas também no ambiente familiar, onde desde cedo às meninas são atribuídas responsabilidades relacionadas ao trabalho doméstico, como cozinhar, passar roupa e organizar casa, enquanto os meninos são frequentemente associados à função de provedores. Esta conjuntura desencoraja os meninos a papéis não correspondentes às atribuições de um homem e limita as meninas a papéis domésticos.

Tais práticas contribuem para a reprodução de papéis de gênero diferenciados e para a manutenção de relações assimétricas de poder. A observação dos comentários dirigidas às mulheres guineenses no TikTok evidencia manifestações ofensivas e moralizantes nas quais alguns usuários procuram estabelecer padrões sobre aquilo que seria considerado comportamento adequado. Assim, formas de se vestir, falar ou de se apresentar publicamente são utilizadas como critério para avaliar a dignidade, a respeitabilidade feminina e até mesmo o casamento.

Nesse sentido, o TikTok não necessariamente cria essas desigualdades, mas pode funcionar como espaço de reprodução, visibilidade e amplificação de valores e relações de poder já existentes na sociedade, através dos usos de comentários sobre masculinidade e feminilidade. A violência discursiva presente no TikTok pode produzir efeitos de silenciamento em razão de suas escolhas e suas expressões públicas.

À guisa de apresentação de alguns resultados da pesquisa realizada, são apresentados três conjuntos de comentários que reúnem todo o debate apresentado no presente artigo. Vale destacar que aqui são

apresentados resultados iniciais, uma vez que a presente pesquisa está em fase de construção, devendo ser finalizada em 2027. Uma observação importante é que a grande maioria dos comentários está na língua Criolo da Guiné-Bissau. Por isso, logo abaixo de cada grupo de comentários, é apresentada uma breve tradução realizada por uma das autoras do presente artigo, considerando o distanciamento entre as duas línguas.

O primeiro grupo de comentários selecionado refere-se a ataques que podem ser considerados falsas acusações e os comentários estão direcionados a comportamentos que mulheres tiveram no TikTok e que foram lidos como inadequados por parte de quem teceu os comentários. Há de se observar que os comentários extrapolam a noção de comentários e alcançam a dimensão de ataques, fato comprovando nos três grupos de comentários analisados para o presente artigo.

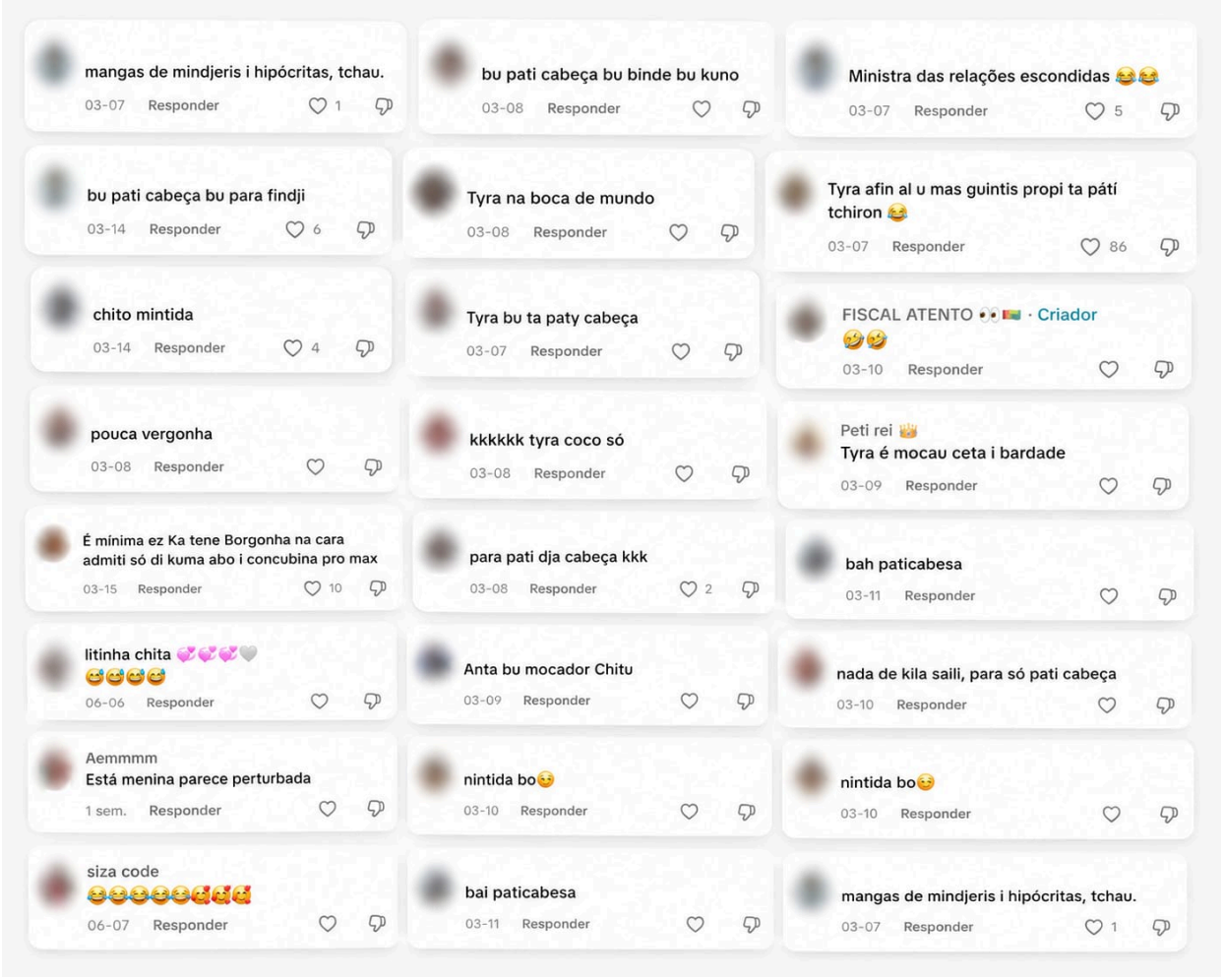


Figura 1. Grupo de comentários à publicação 01

Fonte: Autoria Própria, 2026.

Tradução de comentários do Criolo para o Português do Brasil:

- Muitas mulheres são hipócritas, saem com homens casados e depois fingem que nada aconteceu;

- Essa menina não tem vergonha na cara, só porque o cara comprou um Iphone Pro Max;

- Ministra das relações escondidas.

O segundo grupo de comentários é relativo a ataques contra mulheres em função de suas vestimentas, que muitos julgam inadequadas para mulheres no contexto guineense.



Figura 2. Grupo de comentários à publicação 02

Fonte: Autoria Própria, 2026.

Tradução de comentários do Criolo para o Português do Brasil:

- Por causa de homem, você está expondo o seu corpo nas redes sociais;
- Tu não tens vergonha? Os seios estão caídos;
- Menina vazia sem moral, essas roupas são de galinha.

O terceiro grupo de comentário está relacionado a vazamento de vídeo íntimo da vítima. Aqui é fundamental destacar que há um

duplo ataque, uma vez que a vítima teve seu vídeo vazada e ainda fica condicionada e acessar comentários que a depreciam enquanto mulher.

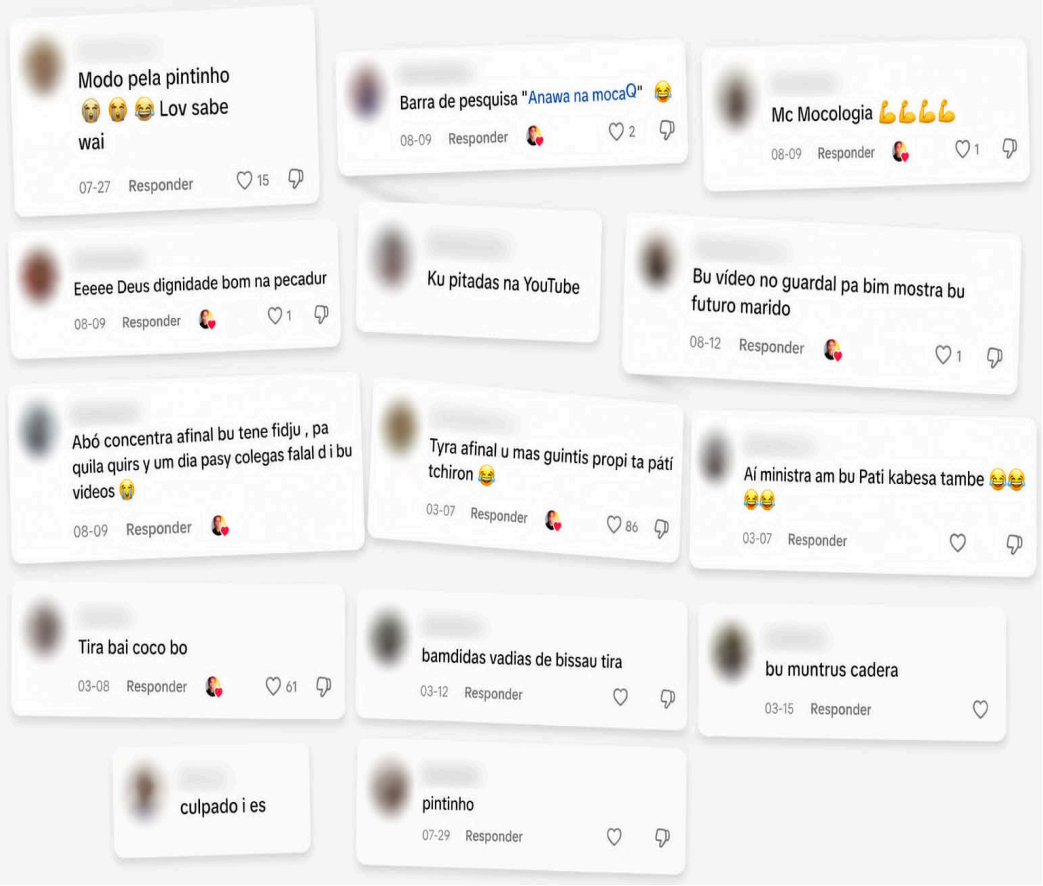


Figura 3. Grupo de comentários à publicação 03

Fonte: Autoria Própria, 2026.

Tradução de comentários do Criolo para o Português do Brasil:

- Esse seu vídeo vou guardar para mostrar o seu futuro marido;
- Vadias da Guiné-Bissau;
- A mulher tem que ser concentrada, porque um dia colegas do seu filho vão mostrar este vídeo a ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisa manifestações de misoginia digital contra mulheres da Guiné-Bissau no TikTok, considerando publicações e comentários públicos identificados no período de 2025 e 2026. Embora a pesquisa esteja ainda em andamento, a partir da análise realizada, já é possível observar que o ambiente digital não constitui um espaço separado das relações sociais existentes, mas também pode reproduzir, ampliar e tornar mais visíveis formas de julgamento, controle e violência direcionadas às mulheres.

Os resultados iniciais evidenciam diferentes manifestações de misoginia nos comentários examinados, entre elas destacam-se os ataques relacionados ao comportamento e à vida efetiva das mulheres. São identificados julgamentos sobre suas roupas, seus corpos e sua aparência, além da exposição e circulação de conteúdos íntimos.

Embora essas manifestações apresentem características distintas, elas possuem um elemento em comum: a tentativa de controlar, desqualificar e julgar as mulheres a partir de expectativas sociais relacionadas ao seu comportamento, à sua sexualidade e à maneira como devem apresentar seus corpos publicamente.

A análise também demonstra que a violência não ocorre somente por meio de insultos diretamente dirigidos às mulheres, ela pode aparecer de forma naturalizada em comentários que responsabilizam a vítima pela violência sofrida, questionam sua moralidade ou utilizam seu corpo e sua vida privada como objeto de julgamento sobre o que significa ser mulher. No contexto da Guiné-Bissau, essa questão merece atenção particular, uma vez que as manifestações encontradas no TikTok revelam a permanência de

mecanismos de vigilância e controle sobre o comportamento feminino também nos espaços digitais.

A utilização do Crioulo da Guiné-Bissau em grande parte dos comentários analisados demonstra, ainda, que essas manifestações estão inseridas em formas próprias de comunicação e interação social, não podendo ser compreendidas apenas a partir de estudos produzidos em outros contextos culturais. Diante disso, a pesquisa reforça a necessidade de ampliar os estudos sobre misoginia digital na Guiné-Bissau, especialmente diante do crescimento do uso das plataformas de violência de gênero que emergem nesses espaços, também se mostra necessário fortalecer ações de educação digital, conscientização sobre violência de gênero e proteção privacidade das mulheres, bem como estimular o debate sobre mecanismos institucionais e jurídicos capazes de enfrentar essas práticas.

Por fim, esta pesquisa não pretende esgotar a discussão sobre a misoginia digital contra mulheres guineenses, mas contribuir para tornar visível um problema que ainda recebe pouca atenção no contexto acadêmico e social da Guiné-Bissau. Ao analisar os comentários presentes no TikTok, busca-se demonstrar que a violência contra as mulheres se manifesta nas plataformas digitais e que seu enfrentamento exige não apenas respostas individuais, mas também ações socias, educacionais, institucionais e de proteção aos direitos das mulheres no ambiente digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

DIAS, Luciene de Oliveira; FREIRE, Ralyanara Moreira. Mulheres em movimento e expressões na construção do viver-Cerrado. **Élisée** - Revista de Geografia da UEG, Goiás, v. 9, n. 2, 2020.

GOMES, Patrícia Godinho. O estado da arte dos estudos de gênero na Guiné-Bissau: uma abordagem preliminar. In: **Outros Tempos:** Pesquisa em Foco - História, São Luís, v. 12, n. 19, p. 168-189, 2015. DOI: 10.18817/ot.v12i19.458.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 4ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

MOREIRA, Joacine Katar. **A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau:** género, violências e instabilidade política. Lisboa: ISCTE-IUL, 2017.

TEIXEIRA, Graziela de Souza. **Do Telegram ao Instagram:** um estudo de antropologia digital sobre a circulação de conteúdo multimodal na machosfera brasileira. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

---

[1] Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Professora Associada da Universidade Federal de Goiás (UFG), Doutora em Antropologia e orientadora da Pesquisa. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail